



8 setembro 2014

notícias

ESPECIAL CAMPANHA NACIONAL



BANCOS QUEREM CONTINUAR DEMITINDO

“Não há qualquer possibilidade de se avançar nas questões de emprego”. Esse é o resumo da postura adotada pela Fenaban (Federação dos Bancos), durante a terceira rodada de negociação desta Campanha Nacional 2014, realizada na quarta 3 e quinta-feira 4.

Os representantes dos bancos negam que estejam ocorrendo demissões em massa e afirmam que os desligamentos são feitos com responsabilidade. No entanto, os números apontam para uma realidade totalmente adversa.

Conforme estudo do Dieese, baseado na Rais do Ministério do Trabalho, os bancos privados fecharam 18.023 postos de trabalho em 2013. De janeiro a julho de 2014 foram mais 3.600, segundo a Pesquisa de Emprego Bancário (PEB) da Contraf, em parceria com o Dieese com base nos dados do Caged.

“Muito mais do que números, o Comando se preocupa com as pessoas”, afirma Luiz César de Freitas, o Alemão, presidente da FETEC-CUT/SP e integrante do Comando Nacional dos Bancários. “Cada demissão não significa apenas um indivíduo, mas sim uma família toda que dependia do salário do bancário”.

O Comando Nacional alertou para as consequências da falta



Gerardo Lazzeri/Seeb SP

de funcionários, como o excesso de filas e os transtornos nas agências, bem como a sobrecarga de trabalho e adoecimento de trabalhadores. Para a Fenaban, trata-se de uma questão de gestão que só pode ser definida banco a banco, ao passo que os adoecimentos seriam exceção.

Com relação ao pleito pelo fim das terceirizações, mecanismo utilizado pelos bancos para economizar e aumentar os lucros, a Fenaban disse ser importante para o setor e que não há intenção de revertê-lo. “É inadmissível o setor que mais lucra seguir demitindo e precarizando as condições de trabalho de quem permanece nas instituições”, afirma o presidente da FETEC-CUT/SP.

PCCS E VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

A rodada também deu início aos debates sobre remuneração. O Comando reivindicou a criação de Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS) para todos, com critérios transparentes para a ascensão profissional nos bancos. A Fenaban disse que não há possibilidade de incluir o tema na CCT.

Com relação ao pleito para o aumento do piso para o valor do salário mínimo do Dieese (de R\$ 2.979,25), como forma de valorização profissional, a Fenaban disse que só tratará da questão quando debater reajuste salarial.

Confira na pág. 2 os demais pontos debatidos nesta terceira rodada. O tema remuneração volta ao debate na quarta rodada, nos dias 10 e 11.

Perversidade dos bancos

Desde 2012, os bancos extinguiram quase 20 mil empregos no país. Neste mesmo período, continuaram faturando alto. Naquele ano, o lucro foi de R\$ 49 bilhões; em 2013, R\$ 56 bilhões. Só no primeiro semestre de 2014, chegou a R\$ 28,4 bilhões, quando também foram eliminados 3.746 postos de trabalho, um número que não foi ainda maior porque a Caixa Federal abriu 1.649 novas vagas no mesmo período.

A extinção de postos de trabalho no setor contrasta com os números da economia brasileira, que gerou 588.671 novos empregos formais nos primeiros seis meses do ano.

Concorrendo para a redução de postos de trabalho nos bancos está, notadamente, o direcionamento para o uso massivo de novas tecnologias e para os serviços terceirizados, como os correspondentes bancários.

Conforme Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (Pnad/IBGE), em 2002, os sistema financeiro contava com 586.765 trabalhadores. Em 2011, o número saltou para 1,004 milhão. No entanto, em 2012, apenas 512 mil bancários eram formalmente contratados pelos bancos, sob a proteção da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) da categoria. Além disso, entre 1999 e 2013, as instituições financeiras aumentaram 319% as despesas com a terceirização de trabalhadores, segundo Relatório Social da Febraban.

Atualmente, os terceirizados que atuam nos bancos recebem salários menores do que os dos bancários. A média é de $\frac{1}{4}$ dos vencimentos da categoria.

Trata-se de uma artimanha cada vez mais utilizada pelos banqueiros para cortar custos. Como se não bastasse, ainda há projetos de lei, como o PL 4330, de autoria do deputado Sandro Mabel (PMDB-GO), que visam generalizar essa prática desumana.



Cortando custos

O recordista em número de demissões tem sido o Itaú, que cortou 17.166 postos de trabalho desde março de 2011, seguido pelo Bradesco, com 5.557 demitidos desde março de 2012. Somente a Caixa abriu 13.666 novas vagas desde dezembro de 2011. No entanto, o número é insuficiente para o aumento da demanda de serviços, ocasionado pelas políticas sociais do governo federal.

Além dos cortes de pessoal, os bancos se valem da rotatividade para cortar custos, já que demitem bancários com salários maiores para colocar em seus lugares trabalhadores com rendimentos inferiores.

Segundo o Dieese, entre janeiro e junho deste ano, o salário médio dos contratados (R\$ 3.283,30) foi 37% menor do que dos desligados (R\$ 5.208,94), o que equivale a 63% do salário dos demitidos.

Demais pontos debatidos na 3ª rodada

Indenização adicional

Os bancários defendem o fim das demissões, mas se acontecerem, o pleito é para aumento do valor da indenização adicional para evitar dispensas imotivadas. A Fenaban ficou de avaliar.

Tecnologia

O Comando quer a instalação de uma comissão para discutir o impacto dos avanços tecnológicos no dia a dia e no emprego bancário. Os bancos disseram que o assunto só pode ser debatido em seminário.

Relações de trabalho

O Comando sugeriu a criação de um Comitê de Relações de Trabalho por banco para resolver pendências do processo negocial. Os bancos negaram.

Abono-assiduidade

Os bancários querem a ampliação do abono-assiduidade para cinco dias. A Fenaban se comprometeu a debater com os bancos.

Qualificação e requalificação

O Comando insistiu na reavaliação de que as instituições financeiras arquem com os custos das provas de certificação exigidos pelo setor, como CPA 10 e 20. A Fenaban discorda, mas ficou de analisar junto aos bancos.